

ADAPTAÇÃO À MODA DE LOBATO

Prof. Ms. Amaya O. M. de Almeida Prado¹ (UFMS)

Resumo

As reflexões ora apresentadas surgiram a partir do estudo de Dom Quixote das Crianças (1936), de Monteiro Lobato (1882-1948), que focalizou os recursos adaptativos utilizados. É possível observar um percurso histórico dessa empreitada lobatiana. O trabalho de adaptação do clássico Dom Quixote (1605;1615), de Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616) surge como um projeto editorial e, depois de anos de amadurecimento, resulta uma obra que não apenas cumpre a função esperada de apresentar ao jovem leitor o clássico, mas também discute a validade e a viabilidade das alterações em relação ao (con)texto de partida. Configura-se, por isso, como uma meta-adaptação. Tanto a correspondência de Lobato quanto sua adaptação de Dom Quixote, ou a participação do cavaleiro em outros episódios do sítio, permitem entrever o posicionamento do autor em relação ao processo de intermediação de um dos mais importantes ícones culturais.

Palavras-chave: Adaptação, Literatura infanto-juvenil, Monteiro Lobato, Dom Quixote.

Só procuro isso: que interesse às crianças.

(Monteiro Lobato, 1944, p. 416)

Introdução

Quatrocentos anos nos separam da primeira edição e, como diz Dona Benta, Dom Quixote ainda existe e existirá enquanto houver humanidade (LOBATO, 1982, p. 486). Para ela, a diferença entre gente e personagem é que as pessoas morrem, enquanto personagens como Quixote e Sancho são citados a toda hora e por isso não morreram, nem morrerão nunca.

Dentre tantas formas de torná-los imortais há a adaptação. Ela se justifica e se confirma como uma possibilidade de contato com uma leitura que dificilmente será levada a cabo por leitores de hoje. Seu ritmo de vida já é diverso daquele que tinham os leitores do início do século XVII. O que era familiar para o leitor contemporâneo do Quixote, torna-se incompreensível e maçante para o leitor contemporâneo a nós.

Dom Quixote das Crianças, de Monteiro Lobato, publicado em 1936, é uma das adaptações que têm sido alvo de estudos mais aprofundados e freqüentemente é considerada uma recriação de qualidade estética. Ao mesmo tempo em que constrói uma imagem bem próxima do original, Lobato não deixa de inscrever seu próprio estilo e revelar uma leitura particular e muito sensível, que apresentou a muitos brasileiros o universo cervantino, ainda quando estes leitores não tinham condições de apreciar uma leitura integral do *Don Quijote de La Mancha*.

A pesquisa “Adaptação, uma leitura possível: um estudo de Dom Quixote das Crianças, de Monteiro Lobato” (PRADO, 2007) procurou evidenciar o projeto de adaptação do autor e sua leitura do clássico de Cervantes. A partir do cotejo entre o clássico e a adaptação, o estudo desenvolveu-se em três etapas. A primeira delas explorou o conceito de adaptação e seu papel na literatura infantil brasileira, a partir de estudos de Lauro Maia Amorim (2005), Zilberman/Lajolo (1991) e Nelly Novaes Coelho (1991). Na segunda, utilizou-se o aporte teórico indicado por Zilberman (1987), na descrição dos ângulos de adaptação, para identificar as alterações em relação ao texto original. São as adaptações de estilo, forma, assunto e meio. A última parte encerrou uma reflexão acerca da apropriação da estrutura narrativa cervantina, por parte de Lobato, além de apontar a preocupação de ambos os autores com a recepção do texto, considerações estas que resultaram da aproximação dos estudos de Maria Augusta da Costa Vieira (1998) e de Socorro Acioli (2004), sobre *Dom Quixote das Crianças*.

O trabalho permitiu estabelecer um percurso na relação de Lobato com o clássico Cervantino. É uma história que se vai construindo aos poucos, a partir de reflexões que são, via de regra, compartilhadas e discutidas com seus leitores. O que se propõe neste artigo é uma visada panorâmica deste caminho trilhado por Dom Quixote em terras do Sítio do Picapau Amarelo.

1 De sonhos e de projetos

A vontade de adaptar *Dom Quixote* é tão antiga em Lobato quanto sua produção para a infância. A primeira referência ao clássico encontra-se em uma carta de junho de 1921, na qual pede a Rangel que vá traduzindo obras de Shakespeare e já indica o método que tem em mente: linguagem simples, ordem direta, liberdade total, atenção ao fundo e não à forma. Ao final da missiva escreve: “Quanto ao *D. Quixote*, vou ver se acho a edição do Jansen.” (LOBATO, 1944, p. 418).

As cartas anteriores não trazem nenhum comentário sobre planos de tradução ou adaptação do clássico. O que a frase sugere é que Lobato enviaria a edição da adaptação de Jansen, de 1901, para que o amigo pudesse executar um novo trabalho de adaptação nos moldes propostos, por ele mesmo, para a modernização do método.

Em 11 de janeiro de 1925, numa outra carta, Lobato (1944, p. 453) pede para que Rangel traduza mais. Envia-lhe alguns “contos extraídos das peças de Shakespeare”, com a intenção de editar “um livrinho para meninos”. Junto aos contos vai um “resumo italiano” do *D. Quixote*, provavelmente já uma adaptação, a respeito da qual o autor pede a opinião do amigo: “para veres se vale a pena traduzir”. Se executado, tal trabalho seria a tradução de uma adaptação já pronta.

O que transparece nesta carta é uma maior preocupação com a linguagem, visto que sugere, novamente, “linguagem bem singela”, “estilo água do pote”, liberdade para melhorar o original (neste caso, os originais seriam as adaptações e não os textos de Shakespeare ou de Cervantes). Refazer tudo e “abrasileirar” a linguagem são as metas para estas produções, sempre com vistas à especificidade do público.

A viabilidade e urgência em prover o público de adaptações de clássicos podem ser comprovadas pela insistência dos pedidos a Rangel. Em outra carta, de 8 de março do mesmo 1925, Lobato reitera o convite:

Andas com tempo disponível? Estou precisando de um *D. Quixote* para crianças, mais correntio e mais em língua da terra que as edições do Garnier e dos portugueses. Preciso do *D. Quixote*, do *Gulliver*, do *Robinson*, do diabo! Posso mandar serviço? É uma distração e ganhas uns cobres. Quanta coisa tenho vontade de fazer e não posso! Meu tempo é curto demais. (LOBATO, 1944, p. 454)

As cartas comentadas anteriormente evidenciam a postura de Lobato em relação aos problemas da adaptação. Em seu pragmatismo, o autor executa o que considera uma empreitada: remodelação, concentração, adequação à língua da terra, eliminação das complicações estilísticas ou do excesso de literatura, leveza e graça de língua, linguagem bem simples e direta, toda a liberdade e urgência (ao correr da pena). Essa é a sua moda, a maneira que encontrou para atender a um duplo objetivo, indicado por Coelho:

Por um lado, levar, às crianças, o conhecimento da Tradição (com seus heróis reais ou fictícios, seus mitos, conquistas da Ciência, etc.) – acervo herdado que lhes caberá transformar; e por outro lado questionar verdades feitas, os valores e não-valores que o Tempo cristalizou e que cabe ao Presente redescobrir ou renovar. (COELHO, 1991, p. 230)

Visualizando um segmento de mercado ainda não explorado e ao mesmo tempo querendo seduzir o leitor para a apreciação da tradição, Lobato articula textos clássicos ou importantes

elementos de outras culturas sem a menor cerimônia, privilegiando a imaginação, a fantasia e a brincadeira, atitude própria das crianças.

Gabriela Böhm sintetiza com precisão a empreitada lobatiana:

Sem se prender exaustivamente ao texto original e, ao mesmo tempo, sem perder de vista seu objetivo primordial de escrever textos de acordo com interesses das crianças, Monteiro Lobato criou um conceito de adaptação que, além de original para a época em que foi lançado, estabeleceu novas diretrizes para a ficção infantil brasileira, à medida que a desvinculou das práticas de tradução e adaptação até então vigentes, e lançou as bases para uma nova literatura infantil para quem o principal sujeito passou a ser o leitor. (BÖHM, 2004, p. 70)

O projeto de adaptação de Lobato, “original” e “sem cerimônia”, é levado às últimas conseqüências, particularmente no caso de *Dom Quixote*, e chega ao limite da apropriação antropofágica, a começar pelo título. *Dom Quixote* passa a ser **das** crianças e não mais de Cervantes, ou de Lobato. Nem mesmo “de la Mancha”, já que vem viver em terras brasileiras, por ocasião da mudança de todas as personagens do mundo da fantasia para o Sítio. Assim, segundo Lajolo e Zilberman (1991, p. 58), os produtos estrangeiros se naturalizam, ao chegarem ao sítio ou ao conviverem com os meninos.

Dom Quixote reescrito por Lobato ultrapassa o trabalho de tradução e até de adaptação, já que o texto mescla a narração das aventuras do herói com fatos ocorridos no Sítio, alternando duas instâncias narrativas. A utilização deste recurso reforça a hipótese de apropriação do texto cervantino por Lobato, pois relata, numa primeira instância, um episódio vivido no Sítio, envolvendo Dona Benta e seus netos. A segunda instância aparece em seguida, com o início dos serões, quando a avó toma a palavra para contar as experiências do herói em suas andanças pela Espanha.

Seria aceitável essa adaptação, se a intervenção do autor, a modificação que ele opera nos textos é tão intensa? A resposta talvez esteja, para além da qualidade de seu texto, na relação com o mercado. Aproveitando a crescente demanda, Lobato agregou ao seu nome um grande prestígio literário, como destaca Mário Monteiro:

O nome Monteiro Lobato era, e ainda é, uma valiosa marca literária. Como tradutor e adaptador, soube se valer desse trunfo. Em linguagem econômica contemporânea, Lobato agregava valor às narrativas que parafraseava. [...] era o detentor do valor de grife em suas adaptações. O *Dom Quixote das crianças*, na percepção dos leitores, era muito mais uma obra de Lobato do que de Cervantes. A narradora não era dona Benta? [...] Lobato não tinha nenhum pudor em assumir as histórias dos outros e marcá-las com seu próprio estilo. Ele se apropriava mesmo, como poucos adaptadores tiveram a coragem de fazer. E sempre foi aplaudido por isso. Na capa, na folha de rosto e na lombada dos livros, era o nome de Monteiro Lobato a chamar o leitor e a promover a venda. Ao contrário do que ocorre atualmente. Hoje, no esquema das editoras de didáticos, quem detém o valor de grife para promover a adoção escolar é o autor da obra original. (MONTEIRO, 2002, p. 170-1)

O prestígio do adaptador passa a ser um instrumento de legitimação de uma determinada leitura da obra original, modificadora e transgressora, respaldada na intenção de atender a um público específico, como ressalta Amorim (2005, p. 41). Além disso, este pesquisador afirma que “ao adaptador seria concedida maior ‘liberdade’ para se modificar, de acordo com seu ponto de vista e sensibilidade estética, o texto original” (idem, p. 49).

2 De realizações

Dom Quixote é mencionado na obra de Lobato pela primeira vez em 1933, portanto antes da publicação de sua adaptação, *Dom Quixote das Crianças*, em 1936, o que faz com que Acioli (2005, p. 184) levante a hipótese de “um pequeno equívoco de tempo”, tendo em vista que Pedrinho cita o clássico, mesmo antes de sua leitura. Em *História do Mundo para Crianças*, Dona Benta repreende Emília “por causa dos bigodes retorcidos que ela desenhou nas figuras dum ‘Dom Quixote’ de Narizinho” (LOBATO, 1982, p. 1664), mas aproveita o ensejo para falar dos rituais da Cavalaria Andante, logo reconhecidos por Pedrinho, que comenta: “– Tudo isso está no Dom Quixote, vovó” (idem, p. 1665).

Em 1935, no livro *História das Invenções*, o cavaleiro é novamente lembrado por ocasião do comentário da avó sobre a invenção do moinho. Imediatamente Pedrinho pergunta: “Aquele que Dom Quixote tomou por um gigante?” (idem, p. 1873).

Levando-se em consideração que o projeto de adaptação de *Dom Quixote* é tão antigo para Lobato quanto sua produção para a infância e também que ele foi um editor ousado para a época, consciente da eficácia da propaganda, é possível afirmar que estes comentários, aparentemente simples equívocos, são em realidade uma maneira muito eficaz de introduzir a imagem do herói, despertar a curiosidade e garantir a aceitação em relação a uma publicação já planejada. Tal hipótese pode ser reforçada quando se observa a utilização do mesmo recurso em outras obras do autor. Muito freqüentemente, Lobato cita seus e outros textos, lançando mão de inter e intratextualidade, de modo a convidar seus leitores a conhecer um número cada vez maior de textos.

A discussão sobre o modo de adaptar não se restringe aos textos das cartas aqui mencionadas. Ela perpassa todo o *D. Quixote das crianças*. Um dos aspectos mais comentados pelos estudiosos da obra é a transformação que se opera com relação à adequação da linguagem. Todo o capítulo II, em que já se inicia a leitura do clássico, está entrecortado de diálogos nos quais se evidencia a necessidade de adaptação.

Quando a avó começa a contar a história, ela o faz através da leitura do texto que é chamado “dos viscondes”, a tradução executada pelos Viscondes de Castilho e Azevedo, em Portugal, no século XIX. É possível encontrar, no texto de Lobato, a transcrição literal do primeiro período do texto clássico, destacado, na adaptação, por caracteres em itálico, entre aspas duplas. A reação negativa é imediata: “- Ché! – exclamou Emília. – Se o livro inteiro é nessa perfeição de língua, até logo! Vou brincar de esconder com o Quindim. Lança em cabido, adarga antiga, galgo corredor... Não entendo essas viscondadas não...” (LOBATO, 1952, p. 11).

Diante da dificuldade de compreensão, da enorme distância entre o texto e seus receptores, e da ameaça de perder sua audiência, não há outra saída para a avó, a não ser propor-se como mediadora desta leitura, adaptando o texto à sua maneira, “traduzindo”, dentro de uma mesma língua, o código envelhecido dos viscondes por outro mais moderno e acessível, não sem antes realçar o valor do texto integral:

– Meus filhos – disse Dona Benta – esta obra está escrita em alto estilo, rico de todas as perfeições e sutilezas da forma, razão pela qual se tornou clássica. Mas como vocês não têm a necessária cultura para compreender as belezas da forma literária, em vez de ler vou contar a história com palavras minhas. (LOBATO, 1952, p. 12)

Emília, porta-voz dos pequenos leitores, comemorou a decisão com uma consideração que pode perfeitamente servir como argumento a favor da adaptação. Diz ela: “Nós, que não somos viscondes nem viscondessas, queremos estilo clara de ovo, bem transparentinho, que não dê trabalho para ser entendido” (LOBATO, 1952, p. 12).

Antes, porém, desta discussão toda, há duas cenas fundamentais para a justificativa da alteração do texto original. A princípio, o primeiro capítulo de *Dom Quixote das Crianças* pode ser

interpretado sob o prisma da leitura, quando se considera que o interesse da boneca por livros é espontâneo e vivido como aventura que desencadeia a leitura (ACIOLI, 2004, p. 165), mas vista por outro prisma, pode ser considerada uma defesa da adaptação. A boneca vai até a biblioteca em busca de livros com gravuras. A altura da prateleira e o tamanho dos dois volumes de *Dom Quixote* são os atrativos. Na tentativa de retirá-los quem sai perdendo é o Visconde, esmagado pelo peso do clássico que cai da estante. Extremamente simbólica, a cena é representativa da dificuldade de acesso, por parte das crianças, a determinadas obras, o que não constitui obstáculo, nem diminui o interesse. A dificuldade gera uma necessidade: a da adaptação.

O segundo passo no sentido de acesso à obra clássica foi dado por Pedrinho, que construiu um suporte de madeira para facilitar o manuseio do livro “grande demais, um verdadeiro trambolho, aí do peso de uma arroba” (LOBATO, 1952, p. 10). É aí que o livrão permanece durante os serões sobre o cavaleiro andante. Nem Dona Benta, adulta, que o consulta sempre, consegue manejá-lo. Aquele “móvel” tem a finalidade específica de contornar a dificuldade de manuseio.

Outro obstáculo é também denunciado, desta vez em relação ao horizonte de expectativas dos ouvintes, que não têm conhecimento suficiente do universo de referências acionado pelas situações narradas. Os meninos não compreendem a função da lança e do escudo, nem o ritual da cavalaria andante e por isso se faz necessário todo um trabalho de contextualização, executado por meio de diálogos elucidativos.

A cada novo elemento desconhecido, um dos ouvintes interrompe a narração. A avó, pacientemente, responde a cada uma das perguntas ou comentários e assim vai familiarizando seus ouvintes com o universo da cavalaria, vai ampliando seus horizontes de expectativas. Exemplo disso é a passagem em que explica o costume dos nobres da Idade Média de usar armaduras de ferro e dedicar-se à caça (LOBATO, 1952, p. 12).

O comentário sobre o surgimento das novelas de cavalaria explicita um artifício bastante eficiente de contextualização, a comparação com o mundo contemporâneo. Tal artifício pode ser comprovado a partir do diálogo a seguir, no qual a avó explica à sua neta o motivo pelo qual aqueles heróis eram chamados de cavaleiros andantes:

— Porque viviam a cavalo, sempre a correr mundo atrás de aventuras. E tais e tantas foram suas aventuras, que os poetas começaram a contá-las em seus poemas, como esse de Ariosto; e os prosadores também; de modo que a literatura daquele tempo era só de cavalaria andante, como hoje é só de bandidos e mocinhos. (LOBATO, 1952, p. 14)

Estes diálogos é que fazem da avó uma mediadora de leitura, uma vez que por meio deles se aproximam texto e leitor. Construindo uma *ponte* entre ambos, ela permite o contato com um mundo diferente, de maneira que seus ouvintes possam compreender, porque aproveita o conhecimento que já existe para ir um pouco mais além. Pedrinho não desconhece as novelas de cavalaria, pois revela que já leu *Carlos Magno e os Doze Pares de França* e por isso cabe a ele a explicação sobre a expressão.

Em vários momentos a leitura do texto original é recomendada, assim como se incentiva o contato com outras obras consideradas clássicas. De outra fala de Dona Benta depreende-se a noção de clássico subjacente ao texto. É interessante observar que esta definição está primeiramente ligada à questão da linguagem:

- O Visconde de Castilho foi dos maiores escritores da língua portuguesa. É considerado um dos melhores clássicos, isto é, um dos que escreveram em estilo mais perfeito. Quem quiser saber o português a fundo, deve lê-lo; e também Herculano, Camilo e outros. (LOBATO, 1952, p. 11)

Além da exemplaridade do estilo (“rico de todas as perfeições e sutilezas de forma”), o clássico também se define por sua permanência ao longo do tempo. Para Dona Benta, o gênio de Cervantes compôs um maravilhoso estudo da natureza humana, que se tornou a imortal e mais famosa obra literária do mundo todo.

As questões dos ouvintes de Dona Benta são as questões de qualquer criança diante de um texto destinado primeiramente a adultos e já muito distanciado no tempo, com linguagem e assuntos que já não fazem parte de seu cotidiano. Apesar destas dificuldades, a leitura se justifica por se tratar de um clássico universal e é viável à medida que contém elementos capazes de “divertir a imaginação” e provocar a identificação com os pequenos, tais como a fusão do real com o imaginário, a aventura, a comicidade e o heroísmo.

Estes são justamente os elementos nos quais a avó se apóia para contar a história do cavaleiro de modo resumido. Uma vez que estes argumentos são abertamente declarados e discutidos no espaço do próprio texto, convertem-se em uma defesa da adaptação dos clássicos, da adequação a um determinado público.

Sendo assim, é possível considerar o texto lobatiano, sobretudo a partir deste primeiro nível narrativo, que abre espaço para estas discussões, como uma *meta-adaptação*: uma adaptação por meio da qual se pode refletir sobre a necessidade, a validade e a viabilidade das alterações que se operam em textos canônicos, com a justificativa de ampliação do público.

3 De apropriações

Observando-se as datas das publicações das obras infantis lobatianas e o sentido mais geral da presença de Dom Quixote nelas, é possível notar que a apropriação do clássico se faz gradativamente. Primeiro Lobato “dá” a seu público a adaptação, como que para apresentar a essência ou o “fundo” da obra original, usando o artifício da ficcionalização da situação de leitura. Ao mesmo tempo, esboça uma defesa do recurso da adaptação.

No mesmo ano, em *Memórias da Emília*, o autor toma a liberdade de criar uma outra aventura para o herói, ainda que indiretamente, porque quem a vive são Emília e Visconde encenando a luta contra o moinho, num ensaio para uma peça teatral a ser encenada em Hollywood.

O auge dessa liberdade é o livro *O Picapau Amarelo*, absolutamente original como queria Lobato (1944, p. 494-5). Já não há a mediação de um narrador-personagem, e os heróis de várias histórias convivem livremente. Dom Quixote vai ao Sítio e lá vivencia outras aventuras, enfrenta novos desafios, como se estivesse em uma de suas andanças pela Espanha.

O primeiro embate é com Barba Azul, relatado a Pedrinho por Sancho (LOBATO, 1982, p.796). Em seguida, ao chegar ao Sítio, Dom Quixote encontra o rinoceronte Quindim e, tomando-o por um inimigo, insiste em enfrentá-lo, causando tensão no ambiente. A solução chega por obra da Emília: a seu pedido Quindim se afasta, ato que o cavaleiro interpreta como fuga.

Um outro confronto se anuncia, desta vez com a Quimera, monstro da mitologia grega. A luta por pouco não acontece e o cavaleiro resiste em reconhecer que Belerofonte era dono do monstro porque já o havia vencido séculos antes (LOBATO, 1982, p. 807).

O aspecto cômico das aventuras do fidalgo está sempre presente no texto de Lobato, que reinventa algumas passagens como, por exemplo, a dificuldade de Dom Quixote para se alimentar. Como as crianças não conseguem tirar-lhe a viseira, Emília (de novo ela) resolve o problema com um abridor de latas (LOBATO, 1982, p.797), levando a paródia ao seu limite máximo. Quando se considera que esta cena, em *Dom Quixote das Crianças*, já constituía a “paródia da paródia”, pode-se dizer que o recurso ao abridor de latas, em *O Picapau Amarelo*, constitui uma paródia em terceiro grau.

Também hilariante é o embate com a Quimera, logrado porque Dom Quixote monta por engano o Burro Falante (ao invés de Rocinante) que resolve empacar a dez passos do monstro. Ou ainda a cena da chegada do cavaleiro ao Sítio: encontrando a porteira fechada, o herói precisa pular a cerca, mas enrosca-se todo nos arames (LOBATO, 1982, p. 795).

A figura de Sancho é bastante explorada em *O Picapau Amarelo*. Sua gula combina perfeitamente com a cozinha de tia Nastácia e os dois travam verdadeira amizade, muito vantajosa para o escudeiro. A cozinheira, por sua vez, sente-se à vontade para transformar o precioso escudo do cavaleiro em um excelente utensílio para sua cozinha (LOBATO, 1982, p. 827).

Digno de nota é também o trecho em que Dom Quixote é apresentado aos dois volumes da edição ilustrada que contam sua história, numa evidente alusão à segunda parte do clássico, em que os protagonistas discutem seu estatuto de personagens, comentam “que suas aventuras estão sendo contadas por Cervantes e fazendo sucesso com muita gente” (MACHADO, 2002, p. 54).

Lá na varanda Dom Quixote conversava com Dona Benta sobre as aventuras, e muito admirado ficou de saber que sua história andava a correr mundo; escrita por um tal de Cervantes. Nem quis acreditar; foi preciso que Narizinho lhe trouxesse os dois enormes volumes da edição de luxo ilustrada por Gustavo Doré. O fidalgo folheou o livro muito atento às gravuras, que achou ótimas, porém falsas.

— Isso não passa duma mistificação! - protestou ele. — Esta cena aqui, por exemplo. Está errada. Eu não espetei este frade, como o desenhista pintou - espetei aquele lá.

— Isto é inevitável - disse Dona Benta. — Os historiadores costumam arranjar os fatos do modo mais cômodo para eles; por isto a História não passa de histórias.

— Mas é um abuso! — insistiu o fidalgo. — Eu, que sempre me bati pelas melhores causas, não merecia que me atraíssem deste modo.

Por fim fechou o livro; não quis ver mais. (LOBATO, 1982, p. 798)

Vê-se aí, claramente, a construção do olhar crítico, tanto a partir das observações a respeito do processo de escrita historiográfica como dos comentários que Dom Quixote, nos textos de Cervantes e também de Lobato, faz sobre suas peripécias, conforme afirma Ana Maria Machado, “num vertiginoso mergulho pela consciência dos próprios atos” (MACHADO, 2002, p. 54).

Considerações finais

A partir da observação das andanças de Dom Quixote pelo texto lobatiano, percebe-se que há um gradativo distanciamento em relação ao clássico. A princípio Dona Benta conta ao pessoal do sítio a trajetória do Cavaleiro da Triste Figura a partir da leitura do clássico. Os livros estão próximos dos leitores, que podem manuseá-los, observar suas ilustrações. Em seguida, as aparições de Dom Quixote vão se tornando cada vez mais invenção de Lobato, mas um aspecto importante da obra, a análise do espírito humano de forma divertida e emocionante, justamente o que prende a atenção de pequenos leitores, continua inalterado, assim como as principais características que identificam a dupla de heróis.

Mas Lobato leu no clássico bem mais do que o riso. Leu também o que há de mais complexo e mais profundo em *Dom Quixote*. Assimilou, por exemplo, a arquitetura narrativa do clássico, apropriou-se dela e a aplicou em sua obra. Esta apropriação começa a se revelar pela análise de *Dom Quixote das Crianças* e acaba por se confirmar quando se observam os momentos em que o cavaleiro aparece no Sítio, vivendo aventuras que não foram criadas pelo engenho de Cervantes. Ou quando os textos de Lobato, a exemplo do clássico, tornam-se ambiente propício à reflexão sobre a leitura. Ou ainda quando leitores que se correspondiam com Lobato e até personagens de outras

histórias e culturas surgem como personagens **de** Lobato, fundindo o mundo lido com o mundo vivido.

A apresentação, para o público infanto-juvenil brasileiro, do clássico de cervantino evolui de projeto editorial a projeto literário (LAJOLO, 2005, p. 13). Da primeira idéia de simples atualização ou abasileiramento da linguagem do texto de Jansen, passando pela tradução de um resumo italiano do clássico, o projeto inicial é aperfeiçoado a ponto de se tornar um texto híbrido, parte invenção, parte adaptação. Depois Dom Quixote vem morar no Sítio do Picapau Amarelo. E o que era para ser uma simples tradução passa a ser uma aventura totalmente nova, a quarta saída de Dom Quixote.

Referências Bibliográficas

ACIOLI, Socorro. *De Emília a Dona Quixotinha, uma Aula de Leitura com Monteiro Lobato*. 240 f. Dissertação de Mestrado em Letras. Orientador: Profa. Dra. Odalice de Castro Silva. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, dez/2004.

AMORIM, Lauro Maia. *Tradução e Adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol, e *Kim*, de Rudyard Kipling. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

BÖHM, G. H. *Peter Pan Para Crianças Brasileiras: a adaptação de Monteiro Lobato para a obra de James Barrie*. In: CECCANTINI, J. L. C.T. (org) (org.) *Leitura e Literatura Infanto-juvenil: Memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2004. p. 58-71.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote*. Trad. Dos Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da Literatura Infanti/Juvenil: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

LAJOLO, Marisa. Monteiro Lobato y Don Quixote: nuestros caminos de lectura em América.. In: BARCO, Frieda Liliana Morales (org.) *En los colores de la voz*. Literatura Infantil e Juvenil em América Latina. Ciudad de Guatemala: Armar Editores, 2005, p. 11-21.

_____; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: história & histórias*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

LOBATO, J. B. M. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

_____. *Dom Quixote das Crianças*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.

_____. *Obra Infantil Completa*. Edição Centenário. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MACHADO, Ana Maria. *Como e Por Que Ler os Clássicos Universais Desde Cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MONTEIRO, Mário Feijó Borges. *Adaptações de Clássicos Literários Brasileiros: Paráfrases para o jovem leitor*. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio, Rio de Janeiro: 2002.

PRADO, Amaya O. M. A. *Adaptação, uma leitura possível: um estudo de Dom Quixote das crianças, de Monteiro Lobato*. 136 f. Dissertação de Mestrado em Letras. Área de concentração: Estudos Literários. Orientador: Prof. Dr. José Batista de Sales. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Defesa: Três Lagoas, 09/04/2007.

VIEIRA, M. A. C. *O Dito pelo Não-dito: paradoxos de Dom Quixote*. São Paulo: EDUSP-Fapesp, 1998. (Ensaio de Cultura, 14).

ZILBERMAN, Regina *A Literatura Infantil na Escola*. 7. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 1987.

_____; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para Crianças: para conhecer a Literatura Infantil Brasileira: história, autores e textos*. 4. ed. São Paulo: Global, 1993.

¹ Amaya Obata Mourinho de Almeida PRADO, Prof. Ms.
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)
Campus de Três Lagoas (CPTL)
amaya.prado@gmail.com